# Segredos e revelações de toponímia vetusta

*Guarino Alves de Oliveira*[1]

Não deixa de ser recreativo interpretar denominações antigamente aplicadas a acidências geográficas, ou por outra, deslindar-lhes as origens, sobretudo questionando sobre palavras *amerígenas*. Trata-se, em suma, de complementação ao meu estudo *Roteiro de Toponímia Vetusta* inerente à costa marítima que se desenvolve de Pernambuco até o rio Timônia, fronteira natural com o Piauí.

## 1. O pequeno (rio) Potengi

De um relatório de Matias de Albuquerque sobre as rendas e despesas administrativas do Brasil dirigido ao Conde-Duque de Olivares, D. Gaspar de Gusmão, Ministro de D. Filipe, destaco este trecho: *Segue-se a Cap. do Ryo Grande que nem tem porto considerável mais q. o em a fortaleza e o dos Buzios e o da Bahya formosa.*

Exceto o da fortaleza de Santos Três Reis na foz do Potengi, com barra acessível a navios de alto calado, os outros eram enseadas de ancoragem, cujos rios de pouca profundidade mais se prestavam a embarcações costeiras.

Nos primeiros tempos da colonização o Potengi, também chamado, talvez impropriamente de Rio Grande, foi descrito por alguns holandeses, mas sua fama já vinha com Gabriel Soares de Sousa: "Neste Rio Grande podem entrar navios de todo porte, porque tem a barra funda de dezoito até seis braças, e entra-se nele como pelo recife de Pernambuco, por ser da mesma feição."

Registro, aqui, sobre o assunto, quatro observações flamengas, começando por Nicolas van Geekerken, autor de um roteiro da costa que se encontra no Arquivo de Maia: "Rio Grande, também chamado rio Potengi. É um belo e amplo rio que tem pela frente um recife de pedra, idêntico ao de Pernambuco, e lhe dá uma defesa natural."

---

(1) Pesquisador dedicado às questões sobre os descobrimentos e a cartografia antiga do Nordeste do Brasil, com estágio no Reino de Espanha. Sócio Efetivo do Instituto do Ceará, com vários livros publicados.

Kilian de Renselaer diz o seguinte: "Elle aparait comme une petite rivière, semblable au chenal de Viana en Portugal."

Johan Nieuhof, por sua vez, afirma: "Rio Grande, assim chamado pelos portugueses devido ao seu considerável volume, é conhecido entre os naturais pelo nome de Potengi."

Porém o mais realista de todos foi Johan de Laet: "cerca de quatro léguas acima do forte deixa de ser rio apesar de ter na foz a largura do Mosa, pelo que se admiravam (os holandeses) de lhe haverem (os portugueses) dado aquele nome."

Na *Memória* do Governador da Província, Dr. José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, de 30 de maio de 1808, documento divulgado por Luís da Câmara Cascudo, a impressão é esta: "o qual, (rio) com largura de 400 a 500 braças, pelo comprimento de 3 léguas dá ancoradouro seguro e abrigada de todos os ventos às embarcações que navegam em águas vivas, em água de 40 palmos, de fundo, e êste mesmo fundo vai pela barra fora terminando-se no fundo do mar."

Câmara Cascudo transcreve, inclusive, palavras do Ouvidor da Paraíba, Domingos Monteiro da Rocha, 1757, segundo as quais, "nasce (o rio) do mesmo mar, navegável, e entra pela terra a dentro quatro léguas."

Observe-se, porém, que o Potengi não procede do mar. Tem sua nascença no interior, não devendo ser considerado rio de "maré", embora salgado na foz pelo fato de o curso superior, intermitente, não possuir volume d'água doce capaz de conter o avanço marinho.

O fato é que o Potengi nunca foi *rio grande*, tendo-se em vista o percurso de 3 a 4 léguas, salvo em termo de largura e profundidade.

Aliás, convém salientar com o Des. Luís Fernandes, historiador de Natal, que o Potengi é prolongamento do rio Jundiaí. O verdadeiro Potengi nasce na Serra de Santana e, após receber alguns tributários desemboca no Jundiaí, no lugar "Três Bocas" ou "Barreiros". No mapa de Georg Marcgrav, por exemplo, já se assinalava um *Potyi* na cabeceira, e outro *Potti* no lugar "Três Bocas". Em suma, o rio que desemboca na cidade de Natal, conforme Luís Fernandes, é de fato o Jundiaí, erroneamente chamado de Potengi.

Contudo, discordo deste historiador na parte em que intenta convencer acerca da origem do vocábulo *potengi*. Entende Luís Fernandes que a verdadeira denominação era *petegi*, portanto o "rio do fumo" (*Nicotina tabacum*, L.). Possivelmente deixou-se influen-

ciar por Cândido Mendes, notável historiador maranhense, que se reporta sobre o topônimo nestes termos:

"Petiguar e rio *Puty* ou *Pitigy*. O nome de *Petiguar* parece-nos o verdadeiro dessa tribo que vivia no Rio Grande do Norte, que quer dizer senhor do *petum* ou *piti*, a erva que chamamos *fumo* ou *tabaco*.

Pituara ou Petiguára significa senhor do *petún* ou tabaco, atributo de nobreza, e não Potiguara, pescador de camarões. O rio que era chamado *Petungy* ou *Pettingy*, e por corrutela – *Potengi*, nome que era dado pela plantação que em suas margens faziam os indígenas da famosa erva. Ora essa tribo era a que mais usava e apreciava o petum. Vide João de Laet – *Novus Orbis* Liv. 15 cap. 4, referindo-se à viagem de Antônio Knivet, navegante inglês."

Plantações de tabaco todos os nativos do Brasil possuiam. O próprio Des. Luís Fernandes lembrou o lugar chamado *Pitum* na parte meridional da Capitania do Rio Grande do Norte. E todos sabemos que na Baía da Traição cultiva-se a erva. Todavia, isso não explica, veremos mais adiante, a origem da palavra *potengi*, mesmo porque o topônimo aparece com diferentes grafias, como se observa, especialmente, em mapa de João Teixeira Albernaz – *Puttigi*, e no Roteiro de Renselaer – *Poting*.

No meu entender a desinência *gi* ou simplesmente *i* da potengi tem sentido de algo pequeno, ou por outra, "pequeno camarão", ou o pequeno (rio) Camarão. Em tupi temos *puti(m)* soando nasalmente – *puti(n)gi*, de que resultou *potengi*, pronunciado pelo colono português.

Segundo a regra explicada pelo tupinólogo Gonçalves Dias, o *i* (y) quando colocado no fim dos nomes substantivos vale como diminutivo. Em conseqüência, *puti-i* (*puti(m)i*) e *putim-g-i* têm o significado de "pequeno camarão".

O topônimo em causa deriva de observação. O silvícola enxergava no baixo curso do rio a forma de um crustáceo decápode com encurvamento dorsal no Igapó, tendo as pernas formadas pelos riachos salgados na margem esquerda. Este, provavelmente, o motivo por que o rio Jundiaí tornou-se *Potengi*, coincidente com o outro de igual nome e nascença na Serra de Santana. De outra parte, talvez este último nome proceda de invenção flamenga, uma vez que de "Três Bocas" para o sul o Potengi já era conhecido como Jundiaí. Não há outra explicação para o topônimo do mapa de Marcgrave. Este cartógrafo, por exemplo, registra o desembarque holandês de 1633 na pequena enseada de Areia Preta em Natal,

formada pela Ponta do Pinto, mas no seu mapa com o nome de *Ponta Negra*, está na verdade situada muito mais ao sul e anterior ao domínio flamengo. (1)

Topônimos de observação eram comuns entre os nativos. Haja vista estes no Ceará: *Camucim* e *Jurucoacoara*. Camucim, em tupi, quer dizer "pote", e verifica-se que sua barra é estreita como gargalo, seguindo-se um alargamento idêntico ao desenho de um pote. Jurucoacoara, por sua vez, tem a aparência de uma tartaruga (promontório) de acesso a uma enseada: "jurucoá", tartaruga, e "coara", buraco.

Não menos discutido é o vocábulo POTIGUAR, geralmente interpretado como "comedor de camarão", o que significa reconhecer no topônimo *potengi* a idéia de crustáceo como fonte alimentícia.

Luís da Câmara Cascudo e Th. Pompeu Sobrinho endossam tal hipótese, porém o pernambucano Mário Melo contesta, dizendo que se trata de "comedor de fezes".

O Dr. Th. Pompeu citando Th. Sampaio explica:

"A palavra *potiguara* aplicada a uma nação tupi, a um gênero étnico daquela família língo-cultural, foi escrita de muitas maneiras diferentes pelos cronistas. A sua interpretação etimológica, segundo Theodoro Sampaio, seria: *poti*, o *resíduo*, o excremento, as fezes e *guara*, comedor: o comedor de excrementos. Tratar-se-ia, pois de uma alcunha injuriosa, de origem inimiga. Pensa, porém, aquele autor que melhor seria a versão: *poti* ou *potim*, camarão, donde: comedor de camarão. *Potim* proveria de *pó*, não e *tim* ou *ti* finas, ponteagudas: as mãos ou as patas ponteagudas, longas. Daí *potengi*, *potingy* ou rio dos camarões."

Os autores supracitados, sem dúvida muito eruditos, erraram o caminho, e isto nos faz lembrar o consagrado romancista José de Alencar, pouco afinado em tupinologia. Diz ele no livro *Iracema* o seguinte: *e abandonamos ao bárbaro-potiguara, comedor de camarões, as areias nuas do mar*, etc.

A acreditar em Gonçalves Dias, a palavra GUARA "significa o que habita, o que mora, intervindo nesse fato o que quer que seja de livre arbítrio. De fato, *guara* – radical de *guarani*, soaria ao princípio como sinônimo de guerreiro, o que, no seu modo de falar, rejeita a idéia de coação passiva. *Potiguaras*, diziam eles – os guerreiros do chefe Poti. A guerra é origem da propriedade: o guerreiro converteu-se em *jara* ou *uara*, desinência que caracteriza a deno-

minação de algumas tribos da língua geral. *Tabajaras* – ou os senhores das aldeias."

Conclui Gonçalves Dias:

"Depois da colonização portuguesa, a palavra sofreu nova modificação: o senhor perdera a propriedade, convertera-se em simples habitante, e a palavra *jara* em *uára*. *Parauára* significa o que habita o Pará. designação com que os paraenses, ainda há pouco tempo, tão injustamente se ofendiam. E para que nenhuma dúvida houvesse de que a palavra, assim modificada, não envolvia mais a idéia de domínio, aplicaram-se não só aos homens, mas aos irracionais, exprimindo o que mora ou habita, e simplesmente o que vive, *Capi-uára*, de que fizemos capivara, indica que o quadrúpede tem o costume de viver entre o capim."

Gonçalves Dias, indianista de considerável saber, explicou de maneira definitiva o mistério. O nosso *potiguara* é o que habita ou vive à margem do rio "Camarão" ou *Potengi*.

Em 1978 publiquei uma série de topônimos de mapas e documentos oficiais vetustos, todos eles decorrentes de puti(m)*gi* – pequeno camarão:

*Puttigi – Pitiiiú – Pitigi – Pitigy – Petii – Petigi – Pottiou – Potuxi – Potyii – Poting – Potosi – Poteingi – Potyiou.*

Tenha-se em vista que, às vezes, palavras tupis exóticas podem ser também uma conseqüência de erro tipográfico em livros e revistas, e desse modo repetidas por compiladores. De qualquer maneira, a deturpação ortográfica era comum entre cartógrafos e cronistas coevos.

A troca de *pu* em *pó* (Putigi-Potengi) teve prevalecência. Encontrei Potii (poti-i) no Paraguai, conforme o Pe. Lascamburu, S. J., em sua carta de 27 de junho de 1692 publicada por Jaime Cortesão (*Jesuítas e Bandeirantes no Itatim*, 1952) a propósito da viagem dos padres no Paraguai, lugares Itatines e Povo Novo dos Chiquitos. Diz Lascamburu: *encendiendo fuegos en frente de los rios conecidos de nuestra banda, como son: Xoxuy, Ipané, Pirai, Potii y Tarê.*

Curioso: um Embaixador de Leopoldo I de Áustria (1662-1675) em Madri, chamava-se *F. E. Potting*!

Em conclusão, a palavra original é *Puti(m)*, também escrita: *puti(ing)* em som nasal, e deu *potengi*, finalmente. Nunca foi *Piti* ou *Peti*, o tabaco. Camarão, no meu entender, topônimo inspirado na-

quele volteio que o rio faz no lugar Igapó. Portanto, o diminutivo de *Puti-i* refere a extensão do rio no baixo curso, e não propriamente um crustáceo pequeno. O guerreiro principal da aldeia do Igapó, *Puti-Guaçu*, pai do outro *Poti* ou *Puti* da guerra dos portugueses contra os holandeses de Pernambuco ou Antônio Felipe Camarão, era "Camarão Grande" apenas pelo fato de ser o Maioral dos *potiguara*, título também adotado pelo filho.

No arremedo de Mapa que ilustra a obra de Hans Staden, *Wahrhaftinge Historia*, edição de 1557, o litoral nordestino, mal delineado, tem esta legenda: *puttigoais land*. Terra dos Potiguara.

## 2. Redinha, Distrito da Cidade do Natal

À margem esquerda do Potengi assinala-se uma linda praia alvinitente. Chama-se *Redinha*. Natanael Virgílio, do diário Tribuna do Norte, publicou reportagem em 26 de janeiro de 1975 sobre a origem do topônimo. Como não podia deixar de ser, falou pela boca do confrade Luís da Câmara Cascudo, historiador da Cidade, o Dr. Medeiros Filho, transcrevendo-o:

"Homens de peso pela circunspecção, idade e respeito, deram-me justificativas espantosas. Um deles consentiu-se ensinar que o nome da Redinha foi dado por João Wanderley, recomendando aos inúmeros hóspedes de sua fronteira a Natal, hoje seu distrito, que levassem as redinhas para dormir." E continua o meu saudoso e velho amigo Câmara Cascudo, na transcrição do Dr. Medeiros: "Ora Redinha é uma vila de Pombal Leiria na Barra Baixa, em Portugal. Possuia um farol no ano 1162, suficiente para sua antigüidade. O nome veio de lá, inteiro, como Extremoz, Arez, Porta Alegre, Vila Flor, sem que houvesse necessidade de menor estória local comprovadora. Tem uso regional aproximando-se de dois séculos e meio."

Diante disso, e com mais outros argumentos saiu-se o Dr. Medeiros dizendo que o problema do nome estava resolvido conforme Cascudo: *em sentença com eficiência de coisa julgada*.

Devo salientar que no chamado "meandro" da História a eficiência de coisa julgada é acidental. Um clarãozinho só e rápido não ilumina toda a extensão de um subterrâneo.

Escrevi ao Dr. Enélio Lima Petrovich, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, pedindo-lhe subsídi-

os sobre a praia da Redinha. Como não podia deixar de ser, acudiu-me em carta de 3 de outubro de 1978 com recorte da *Acta Diurna* de Câmara Cascudo inserta n'A República de 14 de fevereiro de 1959, na qual o Mestre menciona as pronúncias "Redinha" e "Ridinha", observando:

"Creio que esta é a terceira ou quarta vez que escrevo sobre a linda Redinha. Pelo menos em duas crônicas respondera consultas sobre a pronúncia do nome da praia bonita." E em seguida: "Expliquei que o certo é Redinha, e Ridinha é uma mania como outra qualquer. Mera questão de dizer um nome errado e teimar."

Eu diria, porém, que se trata de vício de linguagem generalizado, *Ridinha*. Por exemplo: escrevemos "Ceará", mas pronunciamos "Ciará". Por causa da ortografia *ridinha*, fundamentada no citado erro, o nosso Th. Sampaio inventou esta tradução do tupi: Ridinha = Ririteba, portanto proveniente de "riri" (ostra) e "inha" (água corrente das ostras). Não é fantástico?

Câmara Cascudo recorda que em 5 de junho de 1731, "oitenta anos antes de João Carlos Wanderley nascer, dona Joana de Freitas Fonseca, viúva do Capitão Manuel Correia Pestana, comprou à outra viúva, dona Gracia do Rego, o sítio "chamadao da dita Redinha" até "pajussara por comprimento e do outeiro do minhoto até o Rio Guajiru." Além disso, diz Câmara Cascudo, a praia da *Redinha* até 1614 "não tinha nome e não encontrei durante o domínio holandês nem durante todo o século XVIII por algum proprietário da região." Enfim, já vimos seu parecer, o topônimo procedera do outro em Portugal, uma vila de Pombal Leiria na Barra Baixa.

Discordo plenamente do saudoso Mestre natalense, e pergunto: será verdade que os nomes *Redinha*, *Arês*, *Porta Alegre* e *Vila Flor* são de Portugal, sem que houvesse necessidade de "estória" comprovadora local em contrário?

Porta Alegre, aplicado a uma serra norte-rio-grandense, foi interpretado pelo Dr. Manuel Dantas (*Denominações dos Municípios*) como se tratando de batismo efetuado pelo Juiz de Fora, Miguel Carlos de Caldeira de Pita Castelo Branco, segundo a tradição, em 24 de junho de 1761, e depois dado à Vila, fundada em 8 de dezembro do mesmo ano:

"No dia 24, subiram a serra de S. Ana e, ao chegarem ao cimo, o Juiz Caldeira, olhando através de uma aba da serra e vendo o panorama agradável da verdura do sertão, exclamou: "É uma porta alegre." Desde este dia, se ficou chamando Serra de Port'Alegre, nome que ainda se conserva."

Contudo, há outro "Porta Alegre" na Serra de S. Mamede em Portugal. Teria o Juiz se inspirado nessa orografia portuguesa, quiçá parecida com a região de Santana? Não creio.

E Vila Flor? De acordo com a tradição foi homenagem ao ex-governador de Pernambuco, Dr. Antônio de Sousa Manoel de Menezes, Conde de Vila Flor. Mas, para Câmara Cascudo, deve ser lenda, uma vez que a homenagem "realizou-se" quando Antônio de Sousa havia deixado o governo há alguns anos...

Vila Flor era nome de muitas localidades portuguesas, como por exemplo, em Campanha, Miranda do Corvo, Urgezes, e assim por diante.

Arês é mais uma incógnita. Ao tempo dos Bandeirantes – S. Paulo, chamava-se *Araez* um dos afluentes do Araguaia. Teria motivado "Arês", síncope de "a" – *ar(a)ez*? O problema é que em Portugal já existia desde o século XVI o povoado *Arêz*. O suíço Ivan Lind (*De Portugal para o Brasil*, Pequeno Estudo de Toponímia Brasileira) grafou "Ares", sem acento, o mesmo que Arêz, topônimo no Alentejo, dizendo que ele motivou por transplante o "Arês" do Rio Grande do Norte.

O "ares" português, suponho, é de origem espanhola. Com efeito, no país de Cervantes existem os Montes de Vallivana e, perto, o lugar *Muela de Ares*, inclusive o *Ares del Maestre*. No primeiro exemplo a tradução é "Dente de Ares". Mas, que vem a ser *arês* em português e castelhano? Não encontrei resposta nos dicionariastas, salvo *arés*, tribo silvícola brasileira. No singular, *Aré*.

Sem merecer muita dúvida o único topônimo transplantado de Portugal talvez seja *Extremoz*, Vila e lagoa na banda ocidental do rio Potengi, hoje município. Deriva-se do espanhol – *extremonez* ou no extremo, muito distante, expressão arcaica, substituída por *lejos*.

A propósito, quando da divulgação desta pesquisa em *Xerox*, com Capa impressa, em 1991, o escritor norte-rio-grandense Olavo de Medeiros Filho advertiu:

"À p. 149 da "Viagem", o autor arrisca o seu palpite sobre a origem do termo "Extremoz": "A meu entender trata-se de vocábulo derivado do espanhol – *extremonez*, ou seja, "no extremo". Valho-me novamente do livro A DESCOBERTA DE PORTUGAL: à p. 409 do mesmo, explica-se que, em 1258, quando se cuidou de criar as armas da povoação (que ainda não tinha nome e que hoje é Estremoz), incluiu-se nas referidas armas, a figura de um *tremoceiro* (planta). A povoação

fora edificada junto a "grandes e copados tremoceiros", tendo os seus habitantes escolhido o topônimo Estremoz.

Portanto, Estremoz (que todo mundo insiste em grafar com X) nada tem a ver com extrema, ou no extremo..."

Ora o confrade Olavo de Medeiros apressou-se com o andor. A citada *História de Portugal*, síntese literária publicada em 1982 pela *Selecções do Readers Digest*, editada em Lisboa, não cita o nome do responsável pelo artigo. Este, aliás, diz o seguinte:

"Extremoz tornou-se cidade em 1926 e o seu brasão de armas recorda uma história e talvez a origem da palavra "Extremoz". Diz a lenda que alguns habitantes de Castelo Branco, tendo caído em desagrado real poe delitos graves, foram condenados a abandonar a sua terra. Percorrendo o Alentejo, chegaram às vertentes da colina onde hoje se ergue Estremoz. Aí encontraram grandes e copados tremoceiros que lhes proporcionaram o sossego desejado. Com o tempo, a população aumentou e, existindo já a Rua Direita e no termo desta a Igreja de Santi'Iago, a população entendeu de enviar ao rei dois procuradores a fim de pedirem que lhes concedesse foral régio, o que obtiveram em dezembro de 1258, dizendo que, não tendo encontrado mais do que o Sol, a Lua, as estrelas e os tremoceiros, desejavam que esses elementos figurassem nas armas da sua povoação e que esta se chamasse Estremoz."

Ora no artigo supra não se afirma perentoriamente que a palavra ESTREMOZ derivou das armas escolhidas para o brasão. Diz, sim, de modo claro, que *o seu brasão* de armas recorda uma história e talvez a origem da palavra Extremoz."

Portanto, mera hipótese ou presunção, que Olavo adotou. Na verdade, sol, lua, estrelas e tremoceiros são coisas à parte do sentido etimológico da palavra *Extremoz*. Por outro lado, tremoceiro, planta leguminosa, tem várias espécies no Brasil: "tremoço branco", "tremoço de flor azul" e "tremoço amarelo". Enfim, *Tremoçal*, local onde há tremoço, e nunca *Extremoz*.

Se aqueles habitantes de Castelo Branco caídos em desgraça procuraram um lugar muito distante como refúgio, numa vertente de colina onde havia tremoceiro, torna-se lógico que *Extremoz*, batismo escolhido, expressa uma região longíqua em relação a Castelo Branco, portanto no Extremo, o mesmo que Estremo, a exemplo de *Extremadura* (fronteira) ou no Estremado. Não é erro escrever *extremoz* ao invés de *estremoz*, palavra verdadeiramente oriunda do espanhol *extremonez*.

Voltemos ao fio da meada, isto é, a Luís da Câmara Cascudo, com referência ao vocábulo *redinha*. Diz Câmara Cascudo: "Redinha, distrito de Leiria, na Extremadura. De lá emigrou o topônimo para batizar a praia da cidade de Natal."

Acontece, porém, que faltou uma prova concreta. Trata-se de um clarãozinho.

Antes de o Capitão-mor João Rodrigues Colaço concedê-la por "data" de sesmaria ao Vigário Gaspar da Rocha em 23 de junho de 1603, isto é: *mil e quinhentas braças que começa da boca do ryo guorahu pello rio asima, e quinhentas para ho sertão*, ali pescaram, como diz o documento supra, todos os capitães-mores. Ou mais incisivamente: *hé porto de pescaria que foi dos capitães todos*.

Mais tarde a praia, ao tempo do Governador Geral, Gaspar de Sousa, foi dada ao Escrivão Vaz Pinto, "data" nº 185: *Na data cento e oitenta e sinco deu o gouernador geral guaspar de Souza a pero vaz pinto escrivão da fazenda nesta capitania no porto de pescaria da outra banda do ryo defronte da fortaleza, o qual porto possuhirão atteaguora todos os capitães que aquy seruirão, tem redes de pescar em que pesca*.

Ainda hoje na Redinha as pescarias são feitas unicamente com rede de arrasto, origem verdadeira do topônimo. Origem, acrescente-se, sem segredo, e de história tão efêmera que nem adianta ir muito longe nem queimar pestanas no manuseio de documentos arquivais inéditos.

Demais, existe um Mapa da Capitania do Rio Grande, que ilustra o *Yslario General* de Alonso de Santa Cruz, Ms. 38, de 1545, da Biblioteca Nacional de Madri, registrando:

a) *Fort. dos Reys*. A 130 metros dela, lado sul, um monte de areia e, no seu cimo um cruzeiro muito alto.

b) Na margem oriental do *Rio Potengi*, ao sul, uma casa e o nome *Rede*, tendo nas proximidades uma cruz solta.

c) O litoral do Ceará-Mirim tem longos *medos darea e pouco mato*.

d) Ao norte, ainda na margem esquerda do Potengi, outra casa e o nome *Rede*.

Os topônimos REDE indicam lugares de pescaria. Mas, qual dos dois representa a Redinha atual? Em estudo publicado em 1985 (2) afirmei que o *Rede* do norte correspondia à Ponta de Genipabu, fun-

damentado nos dizeres da "data" de sesmaria nº 73, de 26 de outubro de 1604, concedida por Jerônimo de Albuquerque a Gaspar Rabelo: *e he do rio seara* (Ceará-Mirim) *por costa atee a banda que descobre a fortaleza, he mil e duzentas braças para o sertão, he terra que não serue mais que para pastos e criasões fez nella caza e pescarias, e averá tres annos que está deuoluta.* (Três anos, porém, antes de 1614, data do Auto de repartição das terras da Capitania).

Eu entendia que o posicionamento do *Rede* um pouco ao norte da Fortaleza dizia respeito a Genipabu, e o outro *Rede* ao sul à praia da Redinha, conforme a "data" nº 185: *no porto de pescaria da outra banda do ryo defronte da fortaleza*, etc.

Aconteceu que Olavo de Medeiros Filho em carta de 8 de março de 1990 mostrou-me por meio de estampa que ilustra a obra de Johannes de Laet, ALBEELDINGUE VAN T'FORT OP RIO GRANDE ENDE BELEGERICHE, uma outra face da questão: o *Rede* do sul não é a Redinha, mas um lugar à margem esquerda do atual riacho Jaguaribe que desemboca no Potengi, e no qual se notam oito casas com a legenda: *Vissechers Huysen* ou Casas de pescadores.

O *Rede* do norte, portanto, é a Redinha de nossos dias, mas não propriamente na Ponta de Genipabu. No mapa de Laet o topônimo se localiza perto do Rio Doce ou escoadouro da lagoa de Extremoz, acompanhado de legenda: *Versche Riever* ou rio navegável, mas apenas para barcos pequenos.

Em suma, o *Rede* do norte diz respeito à "data" nº 185 – *no porto de pescaria da outra banda do ryo defronte da fortaleza*, e o *Rede* do sul corresponde à "data" nº 102 de 7 de janeiro de 1607, dada por Jerônimo de Albuquerque aos padres da *Companhia de Jesus*, que diz: *comesa do ryo jaguaribe de fronte da cidade* (Natal) *e monte de ubuturapaum.*

O pequeno riacho Jaguaribe está citado no DIÁRIO DA JORNADA da conquista do Rio Grande pelos holandeses:

"Na margem esquerda do rio, junto à boca dum pequeno riacho ou cambôa, havia algumas casas de pescarias, onde fomos informados existia boa quantidade de peixe seco, que o Sr. General van Keulen mandou buscar e transportar para bordo do Oveyssel," etc.

Agradeço a Olavo de Medeiros pela sua valiosa contribuição. Sem mais dúvida, o *Rede* do norte é a atual praia de pescaria denominada *Redinha*, porto onde Pero Vaz Pinto *tem redes de pescar em que pesca.* (3)

Em conclusão, REDE transformou-se através do tempo no diminutivo REDINHA, e nada mais. Nunca foi topônimo transferido de Portugal.

## 3. Nomes primitivos da Serra de Maranguape

Ao sul da cidade de Fortaleza sobressai o sistema orográfico central do Ceará, constituído de serras altas e de serrotes isolados. A acidência mais próxima ao litoral e de aspecto afunilado é a do *Bom Tempo*, conhecida também como *Serra do Juá*, talvez por causa das condições atmosféricas e porque nela havia juazeiro, *Ziziphus joazeiro*, Mart.

Avante, separada da última por uma garganta apruma-se a *Serra da Arara*, e a sudeste temos a *Serra de Maranguape*. Entre esta e a de *Aratanha* deflui o rio Maranguape, instável, em formoso Vale de aproximadamente dezoito quilômetros de largura.

As formações orográficas mais importantes do sistema são: Maranguape, cuja altimetria anda por 920 – *Pico da Rajada*, e Aratanha, 780m – *Pico do Embuaçu*. Ambas se apartam do mar em distância de mais ou menos quatro léguas.

Acerca deste cordão reportou-se Luís dos Santos Vilhena em 1802: "São as terras mais altas de toda a costa, pelo que servem de baliza a todos os que da Europa navegam para o Pará, Maranhão e Parnaíba." (4)

Quase a mesma coisa havia dito Martim Soares Moreno: "os navios que forem ao Maranhão e Pará lhe será forçado a ir conhecer as serras de Seará porque é boa conhecença."

Em roteiros e mapas os montes e serras de posicionamentos singulares tinham de ser anotados com nomes e explicações. Maranguape, cujo crisma será analisado segundo a tupinologia, teve, assim, especial privilégio entre os pilotos que trasfegavam em busca do Maranhão. Escritores cearenses de quando em quando citam a expressão *maranguape* e dela tiram ilações as mais diversas. Haja vista José de Alencar no IRACEMA, edição-facsimilar de 1983, p. 143, Nota 95 *infra*, sobre o problema etimológico:

"A serra de Maranguape, distante cinco léguas da capital, e notável pela sua fertilidade e formosura. O nome indígena compõe-se de *maram* – guerrear e *couab* – sabedor; *maran* talvez seja abreviação de *maramonhang* – fazer guerra, e não é, como eu penso, o

substantivo simples guerra de que se fez o verbo composto. O Dr. Martius trás etimologia diversa. *Mara* – árvore, *angai* – de nenhuma maneira, *guabe* – comer. Esta etimologia nem me parece própria do objeto, que é uma serra, nem conforme com os preceitos da língua."

Em tupi há dois vocábulos que se parecem um com o outro: *mamanguape* e *maranguape*, sendo que o primeiro indica um rio na Paraíba do Norte e, conforme Gabriel Soares de Sousa, rio *magoape*. Observe-se ainda que Maranguape é nome de povoado em Olinda, que Mario Melo interpreta segundo o *canone* de Th. Sampaio. Este tupinólogo baiano de fama nacional sustenta que a palavra supra deriva de MARÃ + GOA + PÉ, com significado de "no vale da peleja".

Qual a diferença de sentido entre *mamã*(goape) e *marã*(goape)?

Gonçalves Dias escreve MAMAGOAPE, mas sem traduzir. *Marã* prevalece em muitas expressões tupis. Por exemplo: *mara*(gogipe) e *mara*(picu), segundo Mario Melo (5); *maran*(gatu), diz o baiano Edelweis (6); *mara*(monhang), conforme Gonçalves Dias (7). Este, maranhense, indianista veraz, traduz *maram* (marã) como "despropósito", e *maramonhang* como "peleja" ou batalha.

Não obstante o convencional acerto de Th. Sampaio sempre apoiado por escritores cearenses de nossos dias – "vale da peleja", vejamos Vilhena escrevendo MAMARANGUAB para a serra de Maranguape. Outrossim, poder-se-ia imaginar MAMANGOAPE (na Paraíba do Norte) como composto de duas palavras distintas.

As variações ortográficas são muitas, tratando-se da serra cearense. Vale ressaltar que o roteirista flamengo Kilian de Renselaer afirmava em 1628: "A três léguas do Siara se encontra a montanha Boranguaba." E no Diário de Mathias Beck consta: *Maragoaba*.

Seria MARAMGUAPE a ortografia primitiva? As modulações gráficas conhecidas através de documentos antigos e de cronistas são mais ou menos estas:

1. Maranguape;
2. Maranguab;
3. Mamaranguab;
4. Marãgoaba;
5. Marãgoa;
6. Marãgoab.

Para o historiador J. Brígido, "Maranguape" seria nada mais, nada menos, que uma corrutela de qualquer destas grafias: *marãgoa – marãgoab* e *marãgoaba*. Está certo Brígido, mas errou quanto à interpretação ao afirmar que tais palavras significam "mato fechado, ou cerrado, etc." (8)

Como se vê, por enquanto a tradução normal é a de Th. Sampaio, porém com a exclusão de "eminência", "monte" e "colina". Tratar-se-ia de um Vale da batalha...

Dessarte, consciente de que para discutir assuntos desta natureza não há necessidade de ser bacharel, mesmo porque *diploma* nunca foi veículo indispensável ao eruditismo, prosseguirei, agora novamente com Vilhena e seu *Mamaranguab*.

Procederia esta palavra de "mamanguape"? Ou de "maranguape"? Os colonos, os roteiristas e pilotos erravam na pronúncia e na escrita de nomes amerígenas. Parece-me que a tradução de Th. Sampaio, por exemplo – *marã* (batalha) e *goá* (várzea) não se aplica propriamente à Serra. A meu ver, maranguape é grafia simplificada de MARANGOABA, o fruto da mangabeira, árvore da família das *Apocináceas Hancornia speciosa*, Gomes. Neste caso, as derradeiras letras de "maranguape" (*pe*), oferecem idéia de um locativo, mas aparentemente, e por isto devem ser encaradas como se tratando de vício de linguagem, isto é, a troca de *Ba* em *Pe*.

Atualmente, dizemos "marangaba" e "mangaba". Entretanto, a "marangaba" assim chamada é uma espécie pequena , *Psidia pigmeu*, Arruda, sobre a qual reportou-se o botânico George Gardner, que a encontrou nos arredores do Crato, no Ceará, século passado. Tem, diz ele, o tamanho da groselha e de sabor parecido com o morango. (9)

Estando o topônimo "maranguape" referindo a serra e o rio, e não exclusivamente uma várzea ou vale (da peleja), torna-se necessário rever Vilhena. Com efeito, se o citado autor da *Recopilação*, Vilhena, grafou MAMARANGUAB posso concluir por uma modulação composta, ou seja de MAMÚNA e MARANGOAB (ou Maranguab, pronunciada também como Maranguabe, e finalmente, Maranguape, e daí os termos simplificados "marangaba" e "mangaba".).

Mas, donde procede o vocábulo *Mamúna*? Corrutela do tupi? Do Cariri? Roteiros marítimos registram a serra de Maranguape com os seguintes nomes:

1. *Camamume*;
2. *Aquemamume*;
3. *Deque amamume*;

No conceito do Dr. Th. Pompeu Sobrinho são as serras do sistema central, e conclui: "antigamente designadas pelos tapúias por serras de Dequemamune (atualmente Maranguape, Aratanha, Juá, Camará, Guaiúba," etc. De fato, às vezes aqueles nomes indicavam a serrania, mas, em outros casos, referiam diretamente a serra de Maranguape. Contudo, devo ressaltar que os topônimos nada têm a ver com idioma Tapúio. São Tupis.

Quem primeiro firmou CAMAMUME foi o cosmógrafo Manuel Figueredo em 1608:

*De Guamara* (Guamoré no Rio Grande do Norte) *ireis correndo a costa ao Nordeste, e vereis areia em volta com mato verde, e o principio das serras de Camamume, que vos parecerão cinco legoas pela terra dentro, não vos fieis da gente desta praia, porque he de Tapuyas Bárbaros.* (10)

Tudo parece dizer que Figueredo nomeou as serras principais, Aratanha e Maranguape, mas essa alusão a *tapúias* bárbaros não exprime a etimologia do topônimo *Camamume*.

Por outro lado, se o leitor já leu a epístola de D. Diogo de Meneses, Governador Geral do Brasil, datada de 4 de março de 1612, propondo nova divisão da Costa leste-oeste em capitanias reais, deve recordar-se deste tópico:

Fralda da serra Aquemamume, que corre desviada do mar 4 léguas com terras e portos excelentes para todas povoações e embarcações.

Como se vê, fala-se de serra, e não de serras. Contudo, cresce o interesse ao saber-se que, além da epístola de D. Diogo há um registro do cosmógrafo Mariz Carneiro de 1626 dizendo o seguinte:

*... e desta paragem a dez legoas ao mar verás pela terra dentro umas serras altas, que terão de comprimento onze legoas, e pela terra dentro estarão cinco legoas, as quaes vão botando pela terra dentro, e fica sobre Igoape e Macoripe.*

Portanto, as de Aratanha e Maranguape.

Pode verificar-se agora que os nomes tupis anteriormente discutidos, de origem tupi, são híbridos, isto é, português-tupi:

1. CAMAMUME – composto de *Cá* (português) = aqui, nesse lugar + *mamume* (tupi) = serra;
2. AQUEMAMUME – composto de *Aque* (português) = aqui + *mamume* = serra;

3. DEQUEMAMUME – composto de *De que a* (português) = daqui a + *mamume*.

Esclareça-se para evitar dúvida que as palavras AQUE e DEQUEA (arcaicas) eram, às vezes, aplicadas entre roteiristas e cartógrafos, como no caso de João Teixeira Albernaz e de Egerton.

Teixeira Albernaz indicando a Ponta do Calcanhar no Rio Grande do Norte grafou: *Aque vasu*. Isto é: "Aqui, Guaçu". De outra vez escreveu: *Aqui medão*, morro arenoso. Em Egerton, na costa da Venezuela, grafa-se: *aque bacoa*, ou "aqui, Bacoa", localidade. (11)

No que importa à interpretação de *Mamume* e *Manune* temos corruções ortográficas do tupi *Mamúna*, a carrapateira, *Ricinus communis*, L., pronunciado pelo colono como "Mamona".

Dessarte, passada a "tempestade" que tanto alvoroçou "adivinhadores" de vocábulos ameríndenas, digo que *Mamúna* e *Marangoab* são designações do sistema orográfico, onde certamente havia mamona e mangaba. Em outros termos, serras da *Mamúna* e da *Marangoab*, isto é, de mamona e mangaba, sendo que esta derradeira expressão fixou-se definitivamente na Serra de Maranguape.

## Notas

(1) O desembarque dos holandeses em 1633 em Natal é teoria de Olavo de Medeiros Filho, com fundamento no Mapa de George Marcgrave. O cartógrafo transpôs o topônimo *Ponta Negra* para uma outra mais ao sul, *Ponta do Pinto*, conforme o meu estudo topográfico.

(2) Guarino Alves de Oliveira, *Redinha, Distrito da Cidade do Natal* (Origem histórica de seu nome). Revista da Sociedade Cearense de Geografia e História, Vol. XI, pp. 129/136, Fortaleza, 1985. Transcrito e publicado no jornal *Tribuna do Norte* de Natal, porém sem o nome do Autor.

(3) Em artigo publicado no jornal *O Poti*, Natal, 17 de junho de 1990, sob a epígrafe: *Cidade do Rio Grande, 1609*, Olavo de Medeiros Filho fez referência a uma gravura da fortaleza *Santos Três Reis* com o rio Potengi e os portos de pescaria de sua margem esquerda, quase idêntica ao desenho de Alonso de Santa Cruz. A citada gravura, rudimentar, pertence à *Relação das praças fortes, povoações e coisas de importância que sua Majestade tem na costa do Brasil*. Re-

lato de Diogo de Campos Moreno. (Arquivo da Torre do Tombo em Lisboa).

(4) Luís dos Santos Vilhena, *Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasílicas*. Carta XIX. Tomo 1°, Bahia, 1802.

(5) Mario Melo, *Toponímia Pernambucana*. Rev. do Instituto Arqueológico Pernambucano, T. 3°, Recife, 1932.

(6) G. Frederico Edelweis, *O Caráter da segunda conjugação tupi*. Salvador, Bahia, 1958.

(7) Gonçalves Dias, *Dicionário da Língua Tupi, Chamada língua geral dos indígenas do Brasil*. (Tupi-Guarani). Rio, 1965.

(8) J. Brígido, *Ceará, Homens e Fatos*. Rio, 1819.

(9) George Gardner, *Viagens no Brasil*, S. Paulo, 1942. Sobre este naturalista consulte-se o magnífico estudo do Dr. Melquíades Pinto Paiva inserto na Revista do Instituto do Ceará, *Os naturalistas e o Ceará: II – George Gardner*, Vol. 107, pp. 77/95, 1993.

(10) Manuel Figueredo, *Hidrografia, Exame de Pilotos e Roteiro da Navegação e Conquista do Brasil*. Lisboa, 1625.

(11) No Nordeste Brasileiro dada a antiga influência do domínio flamengo os morros de areias volantes ficaram conhecidos como *dunas*. Porém os portugueses escreviam: *medo* e *médão*. No *Yslario General* de Alonso de Santa Cruz, *medos darea*, isto é: cômoros ou socalcos.